



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
“Educação e Contemporaneidade” 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DOS JOVENS EDUCANDOS DA EJA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE ALAGOAS

Claudia Campos Cavalcante Gomes[i]

Valéria Campos Cavalcante[ii]

Vania Marcia da Silva Laurentino[iii]

RESUMO

O objetivo central desta pesquisa converteu-se em analisar qual a representação social dos jovens que frequentam as turmas da EJA das escolas públicas de Alagoas. Tomaremos como objeto de estudo as seqüências discursivas proferidas e coletadas através de depoimentos de professores que atuam na EJA. Os referidos depoimentos foram coletados como parte de uma pesquisa do Mestrado em Educação na CEDU/UFAL[iv]. Optamos por analisar as falas por acreditarmos que o discurso é o lugar privilegiado em que se pode observar a relação entre língua e ideologia. Através dos discursos dos professores podemos observar que a representação social dos jovens dentro das escolas da EJA está ligada ao preconceito. Muitos professores estigmatizam os sujeitos jovens da EJA, dificultando assim o diálogo.

Palavras-chave: EJA, Jovens, Representação Social

RESUMEN

El objetivo de esta investigación fue analizar que la representación social de los jóvenes que asisten a las clases de EJA Escuelas Públicas de Alagoas. Vamos a tomar como objeto de estudio las secuencias discursivas dadas y recogida a través de los testimonios de los docentes que trabajan en la educación de adultos. Estos testimonios fueron recogidos como parte de un Máster de Investigación en Educación en CEDU / UFAL. Hemos elegido para analizar las líneas, ya que creemos que el discurso es el lugar privilegiado en el que se puede observar la relación entre el lenguaje y la ideología. A través de los discursos de los docentes puede observar que la representación social de los jóvenes en las escuelas de EJA está ligada a los prejuicios. Muchos profesores estigmatizan sujetos jóvenes EJA, lo que dificulta el diálogo.

Introdução

Iniciamos esse texto ressaltando a relevância que a escola pública exerce na trajetória de vida dos/as jovens e adultos pobres de Alagoas, assim, percebe-se que a escola pública neste início de século XXI, apresenta-se como uma das principais instituições sociais agenciadora de formação intelectual que os jovens e adultos pobres têm acesso, principalmente aqueles que não estão inseridos em projetos culturais e ONGs, dentre outros.

Apesar de tamanha relevância para a formação dos educandos, percebe-se que as instituições escolares em Alagoas, não estão refletindo à respeito da identidade dos educandos que freqüentam a EJA, sobretudo dos jovens que frequentam as turmas da modalidade, assim, não se analisa no espaço escolar as condições de acesso aos bens culturais desses sujeitos excluídos, da mesma maneira, não se discute como esse processo de exclusão se enraizou no Estado e quais são as alternativas para reverter ou ao menos minimizar esse quadro.

Compreendemos que a conceituar juventude não é uma tarefa simples, já que o termo jovem carrega uma enorme heterogeneidade, diante das definições sobre os jovens que se apresentam no imaginário social, selecionamos as concepções que mais influenciaram e que estão de certa maneira amalgamada na cultura escolar, no decorrer de séculos no Brasil. A primeira delas é a que considera o jovem como um ser em processo de transitoriedade, entendendo a juventude como um sentido de negatividade, ou seja o jovem percebido como aquele que 'ainda não se encontrou', conforme, nos aponta Dayrell (p.02, 1999):

Em nome do "vir a ser" do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, bem como as questões existenciais que eles expõem, bem mais amplas do que apenas o futuro.

Uma outra imagem muito presente na escola é a visão de juventude padronizada com maneiras de ser e agir idênticas sem identidades próprias, sendo assim, concebe-se o jovem como um consumidor alienado de músicas, lazer, moda e tendências em geral. Esta visão de juventude nega as questões culturais específicas dos indivíduos, considerando, portanto o jovem construto social da mídia, sobretudo a televisiva que dissemina a visão de jovem como aquele que está em tempo de "desfrutar" de lazer, prazer e liberdades sexuais, a juventude então como momento possível para a expressão de 'comportamentos exóticos'.

Há ainda uma outra visão de jovem, com base essencialmente na psicologia que desenha a juventude como momento de incertezas crise existencial, permeada por conflitos de a auto-estima e personalidade.

Ao analisarmos essas concepções, tentamos nos aproximar de Peralva (1997), quando ela afirma que a juventude é, acima de tudo uma construção social e um tipo de representação. Pode-se considerar neste contexto um paradigma universal dado pelo comportamento do indivíduo numa determinada faixa etária, mas não se pode desconsiderar sua cultura, seu desenvolvimento físico e mudanças psicológicas que esse indivíduo enfrenta.

Neste sentido, nos deparamos no cotidiano das escolas com uma série de imagens à respeito da juventude que interferem na forma de compreender esses jovens, no entanto, é possível perceber, que na grande maioria das escolas que ofertam a EJA em Alagoas, a inexistência de uma sensibilidade por parte do corpo

docente em conceber os processos de escolarização refletida não apenas para os adultos, mas reconhecendo os jovens que lá estão. Nestas instituições, como não se reflete sobre a identidade do jovem, acaba-se desprezando a realidade dos indivíduos, o que dificulta a compreensão dos jovens na sua totalidade.

Estando estas questões postas no cenário da EJA, no Estado de Alagoas, a pretensão deste trabalho consiste em compreender de que maneira os educandos jovens da EJA são percebidos dentro do espaço escolar, ou seja, qual a representação social desses sujeitos nas escolas públicas de Alagoas.

O conceito de representação social designa uma forma específica de conhecimento, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados. Mais amplamente, designa uma forma de pensamento social. Uma definição resume suas principais características que é dada por Moscovici:

Uma representação fala tanto quanto mostra, comunica tanto quanto exprime. No final das contas, ela produz e determina o comportamentos, pois define simultaneamente a natureza dos estímulos que nos cercam e nos provocam, e o significado das respostas a dar-lhes. Em poucas palavras, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos (MOSCOVICI, 1978,p. 26).

Como podemos observar o autor explicita a representação social como conhecimento prático, por isso baseado no senso comum. Assim, opiniões, imagens, atitudes passam a ser compreendidas como veículos de representações que direcionam comportamentos e identificam sujeitos nos grupos sociais.

Escolhemos o chão da escola pública por que acreditamos que é no cotidiano das práticas de EJA que a diversidade cultural, etária, racial e de gênero se expressam. Considerando esse contexto nos implica uma questão em particular: por que permanece entre alguns profissionais determinados discursos e representações preconceituosas sobre os jovens da EJA no ambiente escolar .

Tomaremos como objeto de estudo as seqüências discursivas proferidas e coletadas através de depoimentos de professores e coordenadores que atuam na EJA. Os referidos depoimentos foram coletados como parte de uma pesquisa do Mestrado em Educação na CEDU/UFAL .

Optamos por analisar as falas por acreditarmos que o discurso é o lugar privilegiado em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos. Nesta perspectiva entende-se que o sujeito, não apenas cria seu discurso, sendo também condicionado por ele. Assim, aquilo que falamos é afetado pela língua e pela história, pois os sentidos não estão somente nas palavras, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos.

Neste sentido, este artigo traz algumas reflexões, sem a intenção de esgotá-las, sobre a representação social dos sujeitos jovens da EJA nas escolas públicas inseridas no entorno da 13ª CRE de Alagoas, bem como, identidade desses educandos da EJA das escolas e a representação social desses sujeitos no espaço escola. Nessa discussão tomamos como foco dois pontos essenciais: **I – A identidade dos sujeitos da EJA das escolas da 13ª Cre do Estado de Alagoas; II - A Representação social dos educandos da EJA nas escolas públicas da 13ª Coordenadoria Regional de Educação.**

Como fundamentação para este trabalho utilizamos alguns autores: Bakhtin (2006), Freire (2001), Giroux (1988), MOSOVICI (1978), entre outros.

I – A identidade dos sujeitos da EJA das escolas da 13ª CRE do Estado de Alagoas

Na jurisdição da 13ª CRE são ao todo 14 escolas públicas que ofertam EJA, situando-se, em grande parte, na periferia urbana da cidade de Maceió, essas instituições oferecem Educação Fundamental do 1ª ao 9º ano e ensino médio no horário diurno, no horário noturno ofertam 1º e 2º segmentos da EJA, apenas três possuem 3º segmentos da EJA.

Os Jovens e Adultos que frequentam as turmas da EJA, das escolas públicas da 13ª Coordenadoria Regional de Educação de Alagoas, são pessoas que possuem conhecimentos adquiridos na vida cotidiana, através das experiências com familiares, comunidade, mundo do trabalho, e em saídas e entradas da escola. Podem ser caracterizados de acordo com a visão de Freire (2001), como pessoas que possuem uma leitura de mundo que antecede a leitura da palavra. Entretanto, muitas vezes, as experiências anteriores e os conhecimentos prévios desses alunos são simplesmente apagados ao chegarem à escola.

Nas escolas da 13ª CRE prevalece o gênero masculino, os/as educandos/as são, na grande maioria, vítimas da indiferença, do desemprego e do descaso, socialmente estigmatizados e excluídos, e muitas vezes, vítimas ou envolvidos em casos de violência. Na escola, como nos chama atenção Andrade (2004), de maneira geral são tratados como uma massa de alunos, sem identidade, qualificados sob diferentes nomes: repetentes, evadidos, defasados, relacionados diretamente ao chamado "fracasso escolar".

As turmas da EJA, de maneira geral, são compostas de adolescentes, jovens e adultos desempregados ou trabalhadores em situação informal, idosos aposentados ou jovens e adultos que trabalham como: comerciários, donas de casa, pedreiros e porteiros, ganhando um salário mínimo ou menos.

Grande parte desses educandos já frequentou escolas em horário diurno durante anos, tendo uma história escolar marcada por múltiplas reprovações, o que faz com que cheguem à EJA como alunos marcados pelo fracasso. Por conta da idade avançada, mais de 15 anos, acabam sendo empurrados para a referida modalidade.

As comunidades escolares que compõem as escolas desta coordenadoria constitui-se em grande parte de famílias que vivem próximas às escolas, cuja vida econômica é baixa, e muitas delas vivem abaixo da linha da pobreza.

Para os jovens e adolescentes a necessidade mais urgente em relação à aquisição da leitura é o desejo da elevação da escolaridade para o ingresso no mercado de trabalho. Os jovens da EJA veem na escolarização, através da leitura, a possibilidade de ascensão profissional e pessoal.

Em seus depoimentos os educandos afirmam que o retorno à escola deve-se à imposição do mercado de trabalho e, para outros, há o desejo de adquirir as habilidades básicas de leitura e escrita. Esses sujeitos voltam à escola reconhecendo que o aprendizado alcançado anteriormente, de maneira formal ou informal, não lhes garantiu a independência e a inclusão desejada numa sociedade competitiva e excludente.

II - A Representação social dos educandos jovens da EJA nas escolas públicas da 13ª Coordenadoria Regional de Educação

Neste item de nosso artigo analisaremos algumas falas coletadas em entrevistas aplicadas a professores e coordenadores que atuam na EJA, tomando por base as falas dos atores envolvidos com a EJA tentaremos explicitar de que maneira esses profissionais percebem os sujeitos jovens que frequentam suas aulas.

Ao darmos voz aos professores saberemos como esses profissionais percebem os educandos jovens e de que maneira os recebem na escola. Assim, o discurso proferido pelos professores nos apresenta o julgamento sobre o outro o que nos parece revelador para que possamos interpretar como a EJA é compreendida no espaço escolar.

Dada a posição que essas pessoas ocupam suas falas revelam posicionamentos contraditórios, pelo menos no que diz respeito ao que deixam transparecer de seu inconsciente através da materialidade lingüística. Seus discursos são, portanto, importantes para nos fazer compreender qual a representação social dos jovens EJA nas escolas da 13ª CRE. Os referidos depoimentos foram coletados em momentos visitas realizadas nas escolas que ofertam EJA, nesta coordenadoria.

A representação social, para Moscovici (1978), é um grupo de conhecimentos originados na vida cotidiana, ou seja a partir do senso comum, tendo por objetivo, comunicar, estabelecer relações entre grupos sociais, atribuindo sentido ao comportamento, dessa maneira, podemos afirmar que as representações sociais nos reportam a uma forma de pensamento social, sendo entendida, portanto, como uma maneira de interpretar nossa realidade cotidiana. A representação conduz-nos a repensar, a (re)experimentar, a refazer, refletindo, assim, sobre as ideologias, as opiniões, as idéias.

O enfoque no discurso dá-se por entendermos que o sujeito, não apenas cria seu discurso, ao contrário ele é condicionado por ele. Assim, aquilo que falamos é afetado pela língua e pela história, pois os sentidos não estão somente nas palavras, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos, (ORLANDI, 2001).

De acordo com a perspectiva adotada nesse estudo essa análise representará um passo fundamental para contextualizar o discurso desvelando a realidade desses sujeitos. Como nos afirma Orlandi(2001, p30):

Os dizeres não são, como dizemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Deste modo, as margem do dizer, do texto, também fazem parte dele.

Baseados nesses argumentos, tentaremos interpretar toda ideologia que está por trás desses discursos, para tanto avaliando não só o dito, mas acima de tudo, o não dito, ou seja, os implícitos dessas seqüências discursivas, assim, ao elaborarmos a entrevista formulamos perguntas que induzissem respostas neste sentido, algumas perguntas foram: a) **quanto tempo trabalhavam na EJA, b) como era o comportamento dos educandos jovens da EJA.**

As falas foram coletadas em forma de transcrição, não utilizamos o gravador por acreditarmos que os sujeitos/entrevistados poderiam não se sentir à vontade. Neste trabalho traremos um recorte das falas que mais nos chamaram atenção. Não revelaremos nomes oficiais, apenas iniciais fictícias, idade e sexo para manter o sigilo e não expor os participantes.

As falas aqui utilizadas são as que mais nos revelam o posicionamento social dos participantes, enfatizando suas representações sociais acerca dos jovens estudantes.

Vejamos as falas a seguir:

1. *S.M .S – 34 anos – FEM*

Muitos deles não querem nada, vem pra escola só pra fazer raiva; aqui tem muito marginais, muitos deles já foram do dia.

1. J. C. L - 42 ANOS - MASC.

Tem muito maloqueiro, gosto de trabalhar com os adultos porque se comportam.

1. C. M. F - 36 anos - FEM

Eu trabalhei a vida toda com a educação regular, agora é que estou na EJA, Tenho muita dificuldade de trabalhar com os alunos da EJA, os jovens são um problema.

1. M.J S. - 48 anos - FEM

As famílias não cuidam não dão exemplo, nem moral nem espiritual,

1. P. C. M

Os jovens são um problema dentro dessa escola.

Iniciando esta análise podemos observar, através das pistas lingüísticas desses enunciados, que há muitos estigmas que acabam por rotular os jovens da EJA, esses rótulos acabam por limitar o desenvolvimento desses alunos, tornando a inserção desses alunos no espaço escolar um processo muito complexo.

Muitas das falas depreciativas, demonstram o distanciamento e menosprezo. Percebe-se uma tentativa de ignorar os sujeitos, demonstrando a falta de envolvimento com a modalidade.

Conseguir dialogar com os jovens tem-se caracterizado como um dos principais desafios no cotidiano da escola EJA. Muitos desses jovens tem histórias de vida marcadas pela negação e pela invisibilidade. Segundo José Machado Pais (1997), no que diz respeito à juventude, de maneira mais específica, a construção social construída é, via de regra, carregada de significados negativos, prevalecendo o rótulo de geradora de problemas, cujos desdobramentos e conseqüências se fazem sentir tanto em seu cotidiano quanto na sua relação com as diversas instituições sociais de que participa, tais como a família, a escola etc.

Entendê-los como jovens pode parecer fácil no discurso, porém o dia-a-dia e uma sala de aula exige que essa compreensão esteja presente na relação pedagógica, nas metodologias adotadas e na resolução de conflitos geracionais.

Observando o discurso proferido: **Muitos deles não querem nada, vem pra escola só pra fazer raiva; aqui tem muito marginais, muitos deles já foram do dia.** Podemos afirmar que através dessas palavras fica expresso o desrespeito ou a discriminação em relação aos jovens, as expressões **não querem nada, marginais,** demonstra a exclusão a que são submetidas essas pessoas dentro das escolas.

Tomando Ribeiro (2004), como referência, podemos observar que os lugares sociais reservados aos jovens da EJA são sempre os de: marginais, oprimidos, excluídos, empregáveis, miseráveis.

Ainda baseadas nas opiniões coletadas nos parece, predominantemente, que o sucesso ou fracasso do aluno está associado às condições individuais, quando se afirma que: **não querem nada, vem pra escola só pra fazer raiva.**

Neste discurso da professora a função do indivíduo é elevada em detrimento da ação escolar, conseqüentemente, o não aprendizado do aluno é atribuído a sua irresponsabilidade do mesmo ou a falta de apoio da família. Assim, a escola está desobrigada de sua principal função social que é a elevação dos níveis de formação dos sujeitos.

O que se observa é que esses professores não conseguem dialogar com os jovens da EJA, nesse sentido Freire (2003) afirma que isso ocorre por que os professores sentem-se superiores e detentores do saber,

buscamos as palavras do Autor quando ele afirma:

Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros.[...]Como posso dialogar, se me sinto participante de um "gueto" de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são "essa gente", ou são "nativos inferiores (FREIRE, 2003, p.39).

Realizando a análise dos recortes extraídos das falas, podemos perceber a presença de implícitos que nos revelam que todos os participantes das entrevistas atribuem os problemas vividos pela comunidade escolar, no horário noturno aos alunos "marginais".

Entretanto, esses indivíduos, em momento algum, se dão conta que em seus discursos existe a assimilação da ideologia do discurso da classe dominante, por exemplo, o enunciado: **as famílias não cuidam não dão exemplo, nem moral nem espiritual**, remete-nos aos discursos moralistas tão divulgados nos cultos religiosos e, como todos nós sabemos, nos bairros da periferia de Maceió há várias igrejas evangélicas, e algumas católicas, assim, essas instituições representam um grande poder dentro dessas comunidades pobres, pois a população desesperada acaba indo em busca de esperança nesses locais, lá se incentivam desde a passividade até a segregação das pessoas do bem e das pessoas do mal, do certo e do errado.

Dessa maneira, o preconceito social aflora através da materialidade lingüística de suas falas. Assim, prevalece uma ideologia implícita em tais proposições. Observa-se que este público é desacreditado como capaz de adquirir conhecimento e obter um desenvolvimento pessoal.

Quando os professores afirmam *que Tem muito maloqueiro* na EJA, ou ainda que **os jovens são um problema**. eles expõe que para esses educandos resta-lhes a exclusão e o termo marginal como definição, a impossibilidade de uma vida com decência, onde se possa usufruir dos seus direitos mínimos para a sobrevivência como: moradia, saúde, educação, entre outros.

O termo maloqueiro, de modo geral, apresenta-se como representação de discriminação, de desigualdade social sentida e expressa e por muitos professores nas escolas que ofertam EJA. Toda essa hierarquização excludente, reforça a rejeição entre professores e alunos.

Desta forma, ao rotular o educando como **maloqueiro** "leia-se" excluído e marginal, mesmo sem perceber, esses profissionais estão incorporando e reproduzindo o discurso da ideologia dominante. Todo esse processo ideológico não ocorre de forma explícita, ao contrário acontece de forma camuflada penetra no discurso e vai aos poucos sendo disseminado na sociedade sem resistência, quando percebemos já se tornou senso comum. Pois a ideologia é impregnada por idéias e temas que materializam uma visão do mundo através de um conjunto de representações, muitas vezes inconscientes. Essas representações se materializam através da linguagem como instrumento de comunicação. Assim, toda formação ideológica corresponde uma formação discursiva.

Para John Thompson (1998, p.73), o conceito de ideologia, surgido com um sentido negativo, ou pejorativo, como fator enganador, ilusório ou parcial, tem hoje o sentido de "criticismo implícito". Para ele, a ideologia opera através de formas simbólicas que se entrecruzam com relações de poder, servindo para "manter relações de dominação".Assim as imagens obtidas desses jovens são projetadas através das relações de ojeriza e afastamento do professor.

Para rompermos com essa concepção, nós professores necessitamos compreender e ver esses jovens da EJA para além da categoria abstrata de "aluno", percebendo-os como sujeitos históricos que necessitam aprender não só para aceitar tudo passivamente, mas que precisam aprender para "interferir" mudando a sua realidade.

O ideal seria que o educador da modalidade tivesse uma formação que o possibilitasse trabalhar em sala de maneira dialógica, problematizando os conteúdos.

Mas, para que isso ocorra faz-se necessário que estes professores tenham uma formação específica para atuar na EJA. Avaliando esse contexto, afirmamos a urgência em se garantir, tanto nas formações iniciais, como nas formações continuadas para os professores da EJA, no Estado de Alagoas, a presença de fundamentação teórica sobre as especificidades do público da EJA, pautada, sobretudo, na Pedagogia Progressista Libertadora de Freire, para que os professores possam desenvolver nas salas da modalidade um ensino que supere a visão de transferência de conhecimentos,

Há ainda que propor para as escolas que ofertam EJA um projeto de re-elaboração curricular, processo no qual se construa uma nova escola popular que não apenas tolere as diferenças, mas que ela seja a todo tempo questionada, por isso, necessitamos de um currículo elaborado à partir da realidade existente.

Considerações Finais

O objetivo desse trabalho foi compreender qual a concepção que os professores e coordenadores das escolas da 13ª Coordenadoria Regional de Educação tem relação aos jovens educandos da EJA. Para realização de nossa análise tomamos como objeto de estudo as seqüências discursivas proferidas e coletadas através de uma entrevista realizada dentro das escolas que ofertam a EJA na região que compreende a 13ª CRE.

Analisando as falas coletadas constatamos que o tema mais recorrente nesses discursos foi a dificuldade de diálogo entre educandos e educadores, o maior impasse está no trato com os adolescentes.

Através dos discursos dos professores podemos observar que a representação social dos jovens dentro das escolas da EJA está ligada ao preconceito, pois muitos professores reconhecem os alunos jovens como *maloqueiros*, dizem que esses educandos *não querem nada* e que os jovens só vão para a escola para fazer raiva.

Há muitos estigmas e que os professores, na grande maioria, rotulam os sujeitos jovens da EJA, esses rótulos acabam por limitar o desenvolvimento desses alunos, tornando a inserção desses alunos no espaço escolar um processo muito complexo.

As marcas lingüísticas na fala dos profissionais nos mostram que há uma profunda assimilação da ideologia do discurso da classe dominante. As falas depreciativas, demonstram o distanciamento e menosprezo. Percebe-se uma tentativa de ignorar os sujeitos, demonstrando a falta de envolvimento com a modalidade.

Podemos perceber também a presença de implícitos que nos revelam que muitos dos participantes das entrevistas atribuem os problemas vivenciados pela comunidade escolar, no horário noturno aos alunos "marginais". Assim, podemos constatar que este público é desacreditado como capaz de adquirir conhecimento e obter um desenvolvimento pessoal.

Acreditamos que esses educadores só conseguirão superar essa concepção preconceituosa com a intervenção da Secretaria de Educação do Estado de Alagoas, no momento em que elaborar uma proposta de formação continuada sobre a EJA e as especificidades do sujeitos que a frequentam.

Assim, acreditamos que estaremos auxiliando esses professores a perceberem que a ideologia dominante utiliza a linguagem para camuflar a ausência de políticas públicas no Brasil, que causa a desigualdade social, contribuindo para o aumento da violência e dentro da estratégia do capitalismo, para a desmobilização da sociedade e do processo de aculturação.

Finalmente afirmamos que nossos educandos devem ser enxergados como sujeitos históricos que necessitam aprender não só para aceitar tudo passivamente, mas que precisam aprender para “interferir” mudando a sua realidade. Sendo assim, nós que realizamos a educação do país temos a obrigação de conhecer a realidade dos nossos alunos, transformando as atuais escolas em ambiente de reflexão, para podermos romper com esse tipo de visão ingênua que observamos em nossa entrevista.

REFERÊNCIAS

DARYEL, Juarez. Juventude grupos de estilo e identidade. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido* – 42 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

PAIS, José Machado. Culturas Juvenis. Lisboa: **Imprensa Nacional Casa da Moeda**, 1993.

MOSCOVICI, Serge. A representação Social da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. Das Representações Coletivas às Representações Sociais: Elementos para uma História. In: JODELET, Denise (org). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro:Vozes, 2001, p. 45-66.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso – princípios e procedimentos*. Campinas. SP: Pontes. 3ª Edição. 2001.

_____, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, Anped.1997.

THOMPSON, John. *Ideologia e Cultura Moderna social e critica na era dos meios de comunicação de massa*. Petropolis:Vozes. 1997.

[i] Mestranda do Curso de Educação Brasileira – CEDU/UFAL. Componente do Grupo de pesquisa GEPE. profclaudia18@hotmail.com.

[ii] Mestre em Educação. Componente dos Grupos de Pesquisas: Multieja e Teorias e Práticas da EJA. Atualmente sou doutoranda do Curso de Educação Brasileira – CEDU/UFAL. vccavalcante1@hotmail.com.

[iii] Mestre em educação. Componente do grupo de pesquisa sobre Estado, Políticas Sociais e Educação Brasileira (GEPE). E-mail: vanialaurentino@hotmail.com

[iv] Mestrado em Educação realizado no CEDU/UFAL, defendido no ano de 2009.

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DOS JOVENS EDUCANDOS DA EJA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE ALAGOAS

Claudia Campos Cavalcante Gomes[i]

Valéria Campos Cavalcante[ii]

Vania Marcia da Silva Laurentino[iii]

RESUMO

O objetivo central desta pesquisa converteu-se em analisar qual a representação social dos jovens que frequentam as turmas da EJA das escolas públicas de Alagoas. Tomaremos como objeto de estudo as seqüências discursivas proferidas e coletadas através de depoimentos de professores que atuam na EJA. Os referidos depoimentos foram coletados como parte de uma pesquisa do Mestrado em Educação na CEDU/UFAL[iv]. Optamos por analisar as falas por acreditarmos que o discurso é o lugar privilegiado em que se pode observar a relação entre língua e ideologia. Através dos discursos dos professores podemos observar que a representação social dos jovens dentro das escolas da EJA está ligada ao preconceito. Muitos professores estigmatizam os sujeitos jovens da EJA, dificultando assim o diálogo.

Palavras-chave: EJA, Jovens, Representação Social

RESUMEN

El objetivo de esta investigación fue analizar que la representación social de los jóvenes que asisten a las clases de EJA Escuelas Públicas de Alagoas. Vamos a tomar como objeto de estudio las secuencias discursivas dadas y recogida a través de los testimonios de los docentes que trabajan en la educación de adultos. Estos testimonios fueron recogidos como parte de un Máster de Investigación en Educación en CEDU / UFAL. Hemos elegido para analizar las líneas, ya que creemos que el discurso es el lugar privilegiado en el que se puede observar la relación entre el lenguaje y la ideología. A través de los discursos de los docentes puede observar que la representación social de los jóvenes en las escuelas de EJA está ligada a los prejuicios. Muchos profesores estigmatizan sujetos jóvenes EJA, lo que dificulta el diálogo.

Palabras clave: educación de adultos, jóvenes, Representación Social

Introdução

Iniciamos esse texto ressaltando a relevância que a escola pública exerce na trajetória de vida dos/as jovens e adultos pobres de Alagoas, assim, percebe-se que a escola pública neste início de século XXI, apresenta-se como uma das principais instituições sociais agenciadora de formação intelectual que os jovens e adultos pobres têm acesso, principalmente aqueles que não estão inseridos em projetos culturais e ONGs, dentre outros.

Apesar de tamanha relevância para a formação dos educandos, percebe-se que as instituições escolares em Alagoas, não estão refletindo à respeito da identidade dos educandos que freqüentam a EJA, sobretudo dos jovens que frequentam as turmas da modalidade, assim, não se analisa no espaço escolar as condições de acesso aos bens culturais desses sujeitos excluídos, da mesma maneira, não se discute como esse processo de exclusão se enraizou no Estado e quais são as alternativas para reverter ou ao menos minimizar esse quadro.

Compreendemos que a conceituar juventude não é uma tarefa simples, já que o termo jovem carrega uma

enorme heterogeneidade, diante das definições sobre os jovens que se apresentam no imaginário social, selecionamos as concepções que mais influenciaram e que estão de certa maneira armazenadas na cultura escolar, no decorrer de séculos no Brasil. A primeira delas é a que considera o jovem como um ser em processo de transitoriedade, entendendo a juventude como um sentido de negatividade, ou seja o jovem percebido como aquele que 'ainda não se encontrou', conforme, nos aponta Dayrell (p.02, 1999):

Em nome do "vir a ser" do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, bem como as questões existenciais que eles expõem, bem mais amplas do que apenas o futuro.

Uma outra imagem muito presente na escola é a visão de juventude padronizada com maneiras de ser e agir idênticas sem identidades próprias, sendo assim, concebe-se o jovem como um consumidor alienado de músicas, lazer, moda e tendências em geral. Esta visão de juventude nega as questões culturais específicas dos indivíduos, considerando, portanto o jovem construído socialmente pela mídia, sobretudo a televisiva que dissemina a visão de jovem como aquele que está em tempo de "desfrutar" de lazer, prazer e liberdades sexuais, a juventude então como momento possível para a expressão de 'comportamentos exóticos'.

Há ainda uma outra visão de jovem, com base essencialmente na psicologia que desenha a juventude como momento de incertezas crise existencial, permeada por conflitos de auto-estima e personalidade.

Ao analisarmos essas concepções, tentamos nos aproximar de Peralva (1997), quando ela afirma que a juventude é, acima de tudo uma construção social e um tipo de representação. Pode-se considerar neste contexto um paradigma universal dado pelo comportamento do indivíduo numa determinada faixa etária, mas não se pode desconsiderar sua cultura, seu desenvolvimento físico e mudanças psicológicas que esse indivíduo enfrenta.

Neste sentido, nos deparamos no cotidiano das escolas com uma série de imagens à respeito da juventude que interferem na forma de compreender esses jovens, no entanto, é possível perceber, que na grande maioria das escolas que ofertam a EJA em Alagoas, a inexistência de uma sensibilidade por parte do corpo docente em conceber os processos de escolarização refletida não apenas para os adultos, mas reconhecendo os jovens que lá estão. Nestas instituições, como não se reflete sobre a identidade do jovem, acaba-se desprezando a realidade dos indivíduos, o que dificulta a compreensão dos jovens na sua totalidade.

Estando estas questões postas no cenário da EJA, no Estado de Alagoas, a pretensão deste trabalho consiste em compreender de que maneira os educandos jovens da EJA são percebidos dentro do espaço escolar, ou seja, qual a representação social desses sujeitos nas escolas públicas de Alagoas.

O conceito de representação social designa uma forma específica de conhecimento, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados. Mais amplamente, designa uma forma de pensamento social. Uma definição resume suas principais características que é dada por Moscovici:

Uma representação fala tanto quanto mostra, comunica tanto quanto exprime. No final das contas, ela produz e determina os comportamentos, pois define simultaneamente a natureza dos estímulos que nos cercam e nos provocam, e o significado das respostas a dar-lhes. Em poucas palavras, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos (MOSCOVICI, 1978,p. 26).

Como podemos observar o autor explicita a representação social como conhecimento prático, por isso

baseado no senso comum. Assim, opiniões, imagens, atitudes passam a ser compreendidas como veículos de representações que direcionam comportamentos e identificam sujeitos nos grupos sociais.

Escolhemos o chão da escola pública por que acreditamos que é no cotidiano das práticas de EJA que a diversidade cultural, étnica, racial e de gênero se expressam. Considerando esse contexto nos implica uma questão em particular: por que permanece entre alguns profissionais determinados discursos e representações preconceituosas sobre os jovens da EJA no ambiente escolar .

Tomaremos como objeto de estudo as seqüências discursivas proferidas e coletadas através de depoimentos de professores e coordenadores que atuam na EJA. Os referidos depoimentos foram coletados como parte de uma pesquisa do Mestrado em Educação na CEDU/UFAL .

Optamos por analisar as falas por acreditarmos que o discurso é o lugar privilegiado em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos. Nesta perspectiva entende-se que o sujeito, não apenas cria seu discurso, sendo também condicionado por ele. Assim, aquilo que falamos é afetado pela língua e pela história, pois os sentidos não estão somente nas palavras, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos.

Neste sentido, este artigo traz algumas reflexões, sem a intenção de esgotá-las, sobre a representação social dos sujeitos jovens da EJA nas escolas públicas inseridas no entorno da 13ª CRE de Alagoas, bem como, identidade desses educandos da EJA das escolas e a representação social desses sujeitos no espaço escola. Nessa discussão tomamos como foco dois pontos essenciais: **I – A identidade dos sujeitos da EJA das escolas da 13ª Cre do Estado de Alagoas; II - A Representação social dos educandos da EJA nas escolas públicas da 13ª Coordenadoria Regional de Educação.**

Como fundamentação para este trabalho utilizamos alguns autores: Bakhtin (2006), Freire (2001), Giroux (1988), MOSOVICI (1978), entre outros.

I – A identidade dos sujeitos da EJA das escolas da 13ª CRE do Estado de Alagoas

Na jurisdição da 13ª CRE são ao todo 14 escolas públicas que ofertam EJA, situando-se, em grande parte, na periferia urbana da cidade de Maceió, essas instituições oferecem Educação Fundamental do 1º ao 9º ano e ensino médio no horário diurno, no horário noturno ofertam 1º e 2º segmentos da EJA, apenas três possuem 3º segmentos da EJA.

Os Jovens e Adultos que frequentam as turmas da EJA, das escolas públicas da 13ª Coordenadoria Regional de Educação de Alagoas, são pessoas que possuem conhecimentos adquiridos na vida cotidiana, através das experiências com familiares, comunidade, mundo do trabalho, e em saídas e entradas da escola. Podem ser caracterizados de acordo com a visão de Freire (2001), como pessoas que possuem uma leitura de mundo que antecede a leitura da palavra. Entretanto, muitas vezes, as experiências anteriores e os conhecimentos prévios desses alunos são simplesmente apagados ao chegarem à escola.

Nas escolas da 13ª CRE prevalece o gênero masculino, os/as educandos/as são, na grande maioria, vítimas da indiferença, do desemprego e do descaso, socialmente estigmatizados e excluídos, e muitas vezes, vítimas ou envolvidos em casos de violência. Na escola, como nos chama atenção Andrade (2004), de maneira geral são tratados como uma massa de alunos, sem identidade, qualificados sob diferentes nomes: repetentes, evadidos, defasados, relacionados diretamente ao chamado "fracasso escolar".

As turmas da EJA, de maneira geral, são compostas de adolescentes, jovens e adultos desempregados ou trabalhadores em situação informal, idosos aposentados ou jovens e adultos que trabalham como:

comerciários, donas de casa, pedreiros e porteiros, ganhando um salário mínimo ou menos.

Grande parte desses educandos já frequentou escolas em horário diurno durante anos, tendo uma história escolar marcada por múltiplas reprovações, o que faz com que cheguem à EJA como alunos marcados pelo fracasso. Por conta da idade avançada, mais de 15 anos, acabam sendo empurrados para a referida modalidade.

As comunidades escolares que compõem as escolas desta coordenadoria constitui-se em grande parte de famílias que vivem próximas às escolas, cuja vida econômica é baixa, e muitas delas vivem abaixo da linha da pobreza.

Para os jovens e adolescentes a necessidade mais urgente em relação à aquisição da leitura é o desejo da elevação da escolaridade para o ingresso no mercado de trabalho. Os jovens da EJA veem na escolarização, através da leitura, a possibilidade de ascensão profissional e pessoal.

Em seus depoimentos os educandos afirmam que o retorno à escola deve-se à imposição do mercado de trabalho e, para outros, há o desejo de adquirir as habilidades básicas de leitura e escrita. Esses sujeitos voltam à escola reconhecendo que o aprendizado alcançado anteriormente, de maneira formal ou informal, não lhes garantiu a independência e a inclusão desejada numa sociedade competitiva e excludente.

II - A Representação social dos educandos jovens da EJA nas escolas públicas da 13ª Coordenadoria Regional de Educação

Neste item de nosso artigo analisaremos algumas falas coletadas em entrevistas aplicadas a professores e coordenadores que atuam na EJA, tomando por base as falas dos atores envolvidos com a EJA tentaremos explicitar de que maneira esses profissionais percebem os sujeitos jovens que frequentam suas aulas.

Ao darmos voz aos professores saberemos como esses profissionais percebem os educandos jovens e de que maneira os recebem na escola. Assim, o discurso proferido pelos professores nos apresenta o julgamento sobre o outro o que nos parece revelador para que possamos interpretar como a EJA é compreendida no espaço escolar.

Dada a posição que essas pessoas ocupam suas falas revelam posicionamentos contraditórios, pelo menos no que diz respeito ao que deixam transparecer de seu inconsciente através da materialidade lingüística. Seus discursos são, portanto, importantes para nos fazer compreender qual a representação social dos jovens EJA nas escolas da 13ª CRE. Os referidos depoimentos foram coletados em momentos visitas realizadas nas escolas que ofertam EJA, nesta coordenadoria.

A representação social, para Moscovici (1978), é um grupo de conhecimentos originados na vida cotidiana, ou seja a partir do senso comum, tendo por objetivo, comunicar, estabelecer relações entre grupos sociais, atribuindo sentido ao comportamento, dessa maneira, podemos afirmar que as representações sociais nos reportam a uma forma de pensamento social, sendo entendida, portanto, como uma maneira de interpretar nossa realidade cotidiana. A representação conduz-nos a repensar, a (re)experimentar, a refazer, refletindo, assim, sobre as ideologias, as opiniões, as idéias.

O enfoque no discurso dá-se por entendermos que o sujeito, não apenas cria seu discurso, ao contrário ele é condicionado por ele. Assim, aquilo que falamos é afetado pela língua e pela história, pois os sentidos não estão somente nas palavras, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos, (ORLANDI, 2001).

De acordo com a perspectiva adotada nesse estudo essa análise representará um passo fundamental para contextualizar o discurso desvelando a realidade desses sujeitos. Como nos afirma Orlandi(2001, p30):

Os dizeres não são, como dizemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como o que não é dito, e com o que poderia ser dito, e não foi. Deste modo, as margem do dizer, do texto, também fazem parte dele.

Baseados nesses argumentos, tentaremos interpretar toda ideologia que está por trás desses discursos, para tanto avaliando não só o dito, mas acima de tudo, o não dito, ou seja, os implícitos dessas seqüências discursivas, assim, ao elaborarmos a entrevista formulamos perguntas que induzissem respostas neste sentido, algumas perguntas foram: a) **quanto tempo trabalhavam na EJA, b) como era o comportamento dos educandos jovens da EJA.**

As falas foram coletadas em forma de transcrição, não utilizamos o gravador por acreditarmos que os sujeitos/entrevistados poderiam não se sentir à vontade. Neste trabalho traremos um recorte das falas que mais nos chamaram atenção. Não revelaremos nomes oficiais, apenas iniciais fictícias, idade e sexo para manter o sigilo e não expor os participantes.

As falas aqui utilizadas são as que mais nos revelam o posicionamento social dos participantes, enfatizando suas representações sociais acerca dos jovens estudantes.

Vejam as falas a seguir:

1. *S.M .S – 34 anos – FEM*

Muitos deles não querem nada, vem pra escola só pra fazer raiva; aqui tem muito marginais, muitos deles já foram do dia.

1. *J. C. L – 42 ANOS – MASC.*

Tem muito maloqueiro, gosto de trabalhar com os adultos porque se comportam.

1. *C. M. F – 36 anos – FEM*

Eu trabalhei a vida toda com a educação regular, agora é que estou na EJA, Tenho muita dificuldade de trabalhar com os alunos da EJA, os jovens são um problema.

1. *M.J S. – 48 anos - FEM*

As famílias não cuidam não dão exemplo, nem moral nem espiritual,

1. *P. C. M*

Os jovens são um problema dentro dessa escola.

Iniciando esta análise podemos observar, através das pistas lingüísticas desses enunciados, que há muitos estigmas que acabam por rotular os jovens da EJA, esses rótulos acabam por limitar o desenvolvimento desses alunos, tornando a inserção desses alunos no espaço escolar um processo muito complexo.

Muitas das falas depreciativas, demonstram o distanciamento e menosprezo. Percebe-se uma tentativa de ignorar os sujeitos, demonstrando a falta de envolvimento com a modalidade.

Conseguir dialogar com os jovens tem-se caracterizado como um dos principais desafios no cotidiano da escola EJA. Muitos desses jovens tem histórias de vida marcadas pela negação e pela invisibilidade. Segundo José Machado Pais (1997), no que diz respeito à juventude, de maneira mais específica, a

construção social construída é, via de regra, carregada de significados negativos, prevalecendo o rótulo de geradora de problemas, cujos desdobramentos e conseqüências se fazem sentir tanto em seu cotidiano quanto na sua relação com as diversas instituições sociais de que participa, tais como a família, a escola etc.

Entendê-los como jovens pode parecer fácil no discurso, porém o dia-a-dia e uma sala de aula exige que essa compreensão esteja presente na relação pedagógica, nas metodologias adotadas e na resolução de conflitos geracionais.

Observando o discurso proferido: **Muitos deles não querem nada, vem pra escola só pra fazer raiva; aqui tem muito marginais, muitos deles já foram do dia.** Podemos afirmar que através dessas palavras fica expresso o desrespeito ou a discriminação em relação aos jovens, as expressões **não querem nada, marginais,** demonstra a exclusão a que são submetidas essas pessoas dentro das escolas.

Tomando Ribeiro (2004), como referência, podemos observar que os lugares sociais reservados aos jovens da EJA são sempre os de: marginais, oprimidos, excluídos, empregáveis, miseráveis.

Ainda baseadas nas opiniões coletadas nos parece, predominantemente, que o sucesso ou fracasso do aluno está associado às condições individuais, quando se afirma que: **não querem nada, vem pra escola só pra fazer raiva.**

Neste discurso da professora a função do indivíduo é elevada em detrimento da ação escolar, conseqüentemente, o não aprendizado do aluno é atribuído a sua irresponsabilidade do mesmo ou a falta de apoio da família. Assim, a escola está desobrigada de sua principal função social que é a elevação dos níveis de formação dos sujeitos.

O que se observa é que esses professores não conseguem dialogar com os jovens da EJA, nesse sentido Freire (2003) afirma que isso ocorre por que os professores sentem-se superiores e detentores do saber, buscamos as palavras do Autor quando ele afirma:

Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros.[...]Como posso dialogar, se me sinto participante de um "gueto" de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são "essa gente", ou são "nativos inferiores (FREIRE, 2003, p.39).

Realizando a análise dos recortes extraídos das falas, podemos perceber a presença de implícitos que nos revelam que todos os participantes das entrevistas atribuem os problemas vividos pela comunidade escolar, no horário noturno aos alunos "marginais".

Entretanto, esses indivíduos, em momento algum, se dão conta que em seus discursos existe a assimilação da ideologia do discurso da classe dominante, por exemplo, o enunciado: **as famílias não cuidam não dão exemplo, nem moral nem espiritual,** remete-nos aos discursos moralistas tão divulgados nos cultos religiosos e, como todos nós sabemos, nos bairros da periferia de Maceió há várias igrejas evangélicas, e algumas católicas, assim, essas instituições representam um grande poder dentro dessas comunidades pobres, pois a população desesperada acaba indo em busca de esperança nesses locais, lá se incentivam desde a passividade até a segregação das pessoas do bem e das pessoas do mal, do certo e do errado.

Dessa maneira, o preconceito social aflora através da materialidade lingüística de suas falas. Assim, prevalece uma ideologia implícita em tais proposições. Observa-se que este público é desacreditado como capaz de adquirir conhecimento e obter um desenvolvimento pessoal.

Quando os professores afirmam que **Tem muito maloqueiro** na EJA, ou ainda que **os jovens são um**

problema. eles expõe que para esses educandos resta-lhes a exclusão e o termo marginal como definição, a impossibilidade de uma vida com decência, onde se possa usufruir dos seus direitos mínimos para a sobrevivência como: moradia, saúde, educação, entre outros.

O termo *maloqueiro*, de modo geral, apresenta-se como representação de discriminação, de desigualdade social sentida e expressa e por muitos professores nas escolas que ofertam EJA. Toda essa hierarquização excludente, reforça a rejeição entre professores e alunos.

Desta forma, ao rotular o educando como **maloqueiro** "leia-se" excluído e marginal, mesmo sem perceber, esses profissionais estão incorporando e reproduzindo o discurso da ideologia dominante. Todo esse processo ideológico não ocorre de forma explícita, ao contrário acontece de forma camuflada penetra no discurso e vai aos poucos sendo disseminado na sociedade sem resistência, quando percebemos já se tornou senso comum. Pois a ideologia é impregnada por idéias e temas que materializam uma visão do mundo através de um conjunto de representações, muitas vezes inconscientes. Essas representações se materializam através da linguagem como instrumento de comunicação. Assim, toda formação ideológica corresponde uma formação discursiva.

Para John Thompson (1998, p.73), o conceito de ideologia, surgido com um sentido negativo, ou pejorativo, como fator enganador, ilusório ou parcial, tem hoje o sentido de "criticismo implícito". Para ele, a ideologia opera através de formas simbólicas que se entrecruzam com relações de poder, servindo para "manter relações de dominação". Assim as imagens obtidas desses jovens são projetadas através das relações de ojeriza e afastamento do professor.

Para rompermos com essa concepção, nós professores necessitamos compreender e ver esses jovens da EJA para além da categoria abstrata de "aluno", percebendo-os como sujeitos históricos que necessitam aprender não só para aceitar tudo passivamente, mas que precisam aprender para "interferir" mudando a sua realidade.

O ideal seria que o educador da modalidade tivesse uma formação que o possibilitasse trabalhar em sala de maneira dialógica, problematizando os conteúdos.

Mas, para que isso ocorra faz-se necessário que estes professores tenham uma formação específica para atuar na EJA. Avaliando esse contexto, afirmamos a urgência em se garantir, tanto nas formações iniciais, como nas formações continuadas para os professores da EJA, no Estado de Alagoas, a presença de fundamentação teórica sobre as especificidades do público da EJA, pautada, sobretudo, na Pedagogia Progressista Libertadora de Freire, para que os professores possam desenvolver nas salas da modalidade um ensino que supere a visão de transferência de conhecimentos,

Há ainda que propor para as escolas que ofertam EJA um projeto de re-elaboração curricular, processo no qual se construa uma nova escola popular que não apenas tolere as diferenças, mas que ela seja a todo tempo questionada, por isso, necessitamos de um currículo elaborado à partir da realidade existente.

Considerações Finais

O objetivo desse trabalho foi compreender qual a concepção que os professores e coordenadores das escolas da 13ª Coordenadoria Regional de Educação tem relação aos jovens educandos da EJA. Para realização de nossa análise tomamos como objeto de estudo as seqüências discursivas proferidas e coletadas através de uma entrevista realizada dentro das escolas que ofertam a EJA na região que compreende a 13ª CRE.

Analisando as falas coletadas constatamos que o tema mais recorrente nesses discursos foi a dificuldade de diálogo entre educandos e educadores, o maior impasse está no trato com os adolescentes.

Através dos discursos dos professores podemos observar que a representação social dos jovens dentro das escolas da EJA está ligada ao preconceito, pois muitos professores reconhecem os alunos jovens como *maloqueiros*, dizem que esses educandos *não querem nada* e que os jovens só vão para a escola para fazer raiva.

Há muitos estigmas e que os professores, na grande maioria, rotulam os sujeitos jovens da EJA, esses rótulos acabam por limitar o desenvolvimento desses alunos, tornando a inserção desses alunos no espaço escolar um processo muito complexo.

As marcas lingüísticas na fala dos profissionais nos mostram que há uma profunda assimilação da ideologia do discurso da classe dominante. As falas depreciativas, demonstram o distanciamento e menosprezo. Percebe-se uma tentativa de ignorar os sujeitos, demonstrando a falta de envolvimento com a modalidade.

Podemos perceber também a presença de implícitos que nos revelam que muitos dos participantes das entrevistas atribuem os problemas vivenciados pela comunidade escolar, no horário noturno aos alunos "marginais". Assim, podemos constatar que este público é desacreditado como capaz de adquirir conhecimento e obter um desenvolvimento pessoal.

Acreditamos que esses educadores só conseguirão superar essa concepção preconceituosa com a intervenção da Secretaria de Educação do Estado de Alagoas, no momento em que elaborar uma proposta de formação continuada sobre a EJA e as especificidades do sujeitos que a frequentam.

Assim, acreditamos que estaremos auxiliando esses professores a perceberem que a ideologia dominante utiliza a linguagem para camuflar a ausência de políticas públicas no Brasil, que causa a desigualdade social, contribuindo para o aumento da violência e dentro da estratégia do capitalismo, para a desmobilização da sociedade e do processo de aculturação.

Finalmente afirmamos que nossos educandos devem ser enxergados como sujeitos históricos que necessitam aprender não só para aceitar tudo passivamente, mas que precisam aprender para "interferir" mudando a sua realidade. Sendo assim, nós que realizamos a educação do país temos a obrigação de conhecer a realidade dos nossos alunos, transformando as atuais escolas em ambiente de reflexão, para podermos romper com esse tipo de visão ingênua que observamos em nossa entrevista.

REFERÊNCIAS

DARYEL, Juarez. Juventude grupos de estilo e identidade. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido* – 42 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

PAIS, José Machado. Culturas Juvenis. Lisboa: **Imprensa Nacional Casa da Moeda**, 1993.

MOSCOVICI, Serge. A representação Social da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. Das Representações Coletivas às Representações Sociais: Elementos para uma História. In: JODELET, Denise (org). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001, p. 45-66.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso – princípios e procedimentos*. Campinas. SP: Pontes. 3ª Edição. 2001.

_____, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, Anped. 1997.

THOMPSON, John. Ideologia e Cultura Moderna social e crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes. 1997.

[i] Mestranda do Curso de Educação Brasileira – CEDU/UFAL. Componente do Grupo de pesquisa GEPE. profclaudia18@hotmail.com.

[ii] Mestre em Educação. Componente dos Grupos de Pesquisas: Multiteia e Teorias e Práticas da EJA. Atualmente sou doutoranda do Curso de Educação Brasileira – CEDU/UFAL. vccavalcante1@hotmail.com.

[iii] Mestre em Educação. Componente do grupo de pesquisa sobre Estado, Políticas Sociais e Educação Brasileira (GEPE). E-mail: vanialaurentino@hotmail.com

[iv] Mestrado em Educação realizado no CEDU/UFAL, defendido no ano de 2009.

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DOS JOVENS EDUCANDOS DA EJA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE ALAGOAS

Claudia Campos Cavalcante Gomes[i]

Valéria Campos Cavalcante[ii]

Vania Marcia da Silva Laurentino[iii]

RESUMO

O objetivo central desta pesquisa converteu-se em analisar qual a representação social dos jovens que frequentam as turmas da EJA das escolas públicas de Alagoas. Tomaremos como objeto de estudo as seqüências discursivas proferidas e coletadas através de depoimentos de professores que atuam na EJA. Os referidos depoimentos foram coletados como parte de uma pesquisa do Mestrado em Educação na CEDU/UFAL[iv]. Optamos por analisar as falas por acreditarmos que o discurso é o lugar privilegiado em que se pode observar a relação entre língua e ideologia. Através dos discursos dos professores podemos observar que a representação social dos jovens dentro das escolas da EJA está ligada ao preconceito. Muitos professores estigmatizam os sujeitos jovens da EJA, dificultando assim o diálogo.

Palavras-chave: EJA, Jovens, Representação Social

RESUMEN

El objetivo de esta investigación fue analizar que la representación social de los jóvenes que asisten a las clases de EJA Escuelas Públicas de Alagoas. Vamos a tomar como objeto de estudio las secuencias discursivas dadas y recogida a través de los testimonios de los docentes que trabajan en la educación de adultos. Estos testimonios fueron recogidos como parte de un Máster de Investigación en Educación en CEDU / UFAL. Hemos elegido para analizar las líneas, ya que creemos que el discurso es el lugar privilegiado en el que se puede observar la relación entre el lenguaje y la ideología. A través de los discursos de los docentes puede observar que la representación social de los jóvenes en las escuelas de

EJA está ligada a los prejuicios. Muchos profesores estigmatizan sujetos jóvenes EJA, lo que dificulta el diálogo.

Palabras clave: educación de adultos, jóvenes, Representación Social

Introdução

Iniciamos esse texto ressaltando a relevância que a escola pública exerce na trajetória de vida dos/as jovens e adultos pobres de Alagoas, assim, percebe-se que a escola pública neste início de século XXI, apresenta-se como uma das principais instituições sociais agenciadora de formação intelectual que os jovens e adultos pobres têm acesso, principalmente aqueles que não estão inseridos em projetos culturais e ONGs, dentre outros.

Apesar de tamanha relevância para a formação dos educandos, percebe-se que as instituições escolares em Alagoas, não estão refletindo à respeito da identidade dos educandos que freqüentam a EJA, sobretudo dos jovens que frequentam as turmas da modalidade, assim, não se analisa no espaço escolar as condições de acesso aos bens culturais desses sujeitos excluídos, da mesma maneira, não se discute como esse processo de exclusão se enraizou no Estado e quais são as alternativas para reverter ou ao menos minimizar esse quadro.

Compreendemos que a conceituar juventude não é uma tarefa simples, já que o termo jovem carrega uma enorme heterogeneidade, diante das definições sobre os jovens que se apresentam no imaginário social, selecionamos as concepções que mais influenciaram e que estão de certa maneira almagamada na cultura escolar, no decorrer de séculos no Brasil. A primeira delas é a que considera o jovem como um ser em processo de transitoriedade, entendendo a juventude como um sentido de negatividade, ou seja o jovem percebido como aquele que 'ainda não se encontrou', conforme, nos aponta Dayrell (p.02, 1999):

Em nome do "vir a ser" do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, bem como as questões existenciais que eles expõem, bem mais amplas do que apenas o futuro.

Uma outra imagem muito presente na escola é a visão de juventude padronizada com maneiras de ser e agir idênticas sem identidades próprias, sendo assim, concebe-se o jovem como um consumidor alienado de músicas, lazer, moda e tendências em geral. Esta visão de juventude nega as questões culturais específicas dos indivíduos, considerando, portanto o jovem construto social da mídia, sobretudo a televisiva que dissemina a visão de jovem como aquele que está em tempo de "desfrutar" de lazer, prazer e liberdades sexuais, a juventude então como momento possível para a expressão de 'comportamentos exóticos'.

Há ainda uma outra visão de jovem, com base essencialmente na psicologia que desenha a juventude como momento de incertezas crise existencial, permeada por conflitos de a auto-estima e personalidade.

Ao analisarmos essas concepções, tentamos nos aproximar de Peralva (1997), quando ela afirma que a juventude é, acima de tudo uma construção social e um tipo de representação. Pode-se considerar neste contexto um paradigma universal dado pelo comportamento do indivíduo numa determinada faixa etária, mas não se pode desconsiderar sua cultura, seu desenvolvimento físico e mudanças psicológicas que esse

individuo enfrenta.

Neste sentido, nos deparamos no cotidiano das escolas com uma série de imagens à respeito da juventude que interferem na forma de compreender esses jovens, no entanto, é possível perceber, que na grande maioria das escolas que ofertam a EJA em Alagoas, a inexistência de uma sensibilidade por parte do corpo docente em conceber os processos de escolarização refletida não apenas para os adultos, mas reconhecendo os jovens que lá estão. Nestas instituições, como não se reflete sobre a identidade do jovem, acaba-se desprezando a realidade dos indivíduos, o que dificulta a compreensão dos jovens na sua totalidade.

Estando estas questões postas no cenário da EJA, no Estado de Alagoas, a pretensão deste trabalho consiste em compreender de que maneira os educandos jovens da EJA são percebidos dentro do espaço escolar, ou seja, qual a representação social desses sujeitos nas escolas públicas de Alagoas.

O conceito de representação social designa uma forma específica de conhecimento, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados. Mais amplamente, designa uma forma de pensamento social. Uma definição resume suas principais características que é dada por Moscovici:

Uma representação fala tanto quanto mostra, comunica tanto quanto exprime. No final das contas, ela produz e determina o comportamentos, pois define simultaneamente a natureza dos estímulos que nos cercam e nos provocam, e o significado das respostas a dar-lhes. Em poucas palavras, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos (MOSCOVICI, 1978,p. 26).

Como podemos observar o autor explicita a representação social como conhecimento prático, por isso baseado no senso comum. Assim, opiniões, imagens, atitudes passam a ser compreendidas como veículos de representações que direcionam comportamentos e identificam sujeitos nos grupos sociais.

Escolhemos o chão da escola pública por que acreditamos que é no cotidiano das práticas de EJA que a diversidade cultural, etária, racial e de gênero se expressam. Considerando esse contexto nos implica uma questão em particular: por que permanece entre alguns profissionais determinados discursos e representações preconceituosas sobre os jovens da EJA no ambiente escolar .

Tomaremos como objeto de estudo as seqüências discursivas proferidas e coletadas através de depoimentos de professores e coordenadores que atuam na EJA. Os referidos depoimentos foram coletados como parte de uma pesquisa do Mestrado em Educação na CEDU/UFAL .

Optamos por analisar as falas por acreditarmos que o discurso é o lugar privilegiado em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos. Nesta perspectiva entende-se que o sujeito, não apenas cria seu discurso, sendo também condicionado por ele. Assim, aquilo que falamos é afetado pela língua e pela história, pois os sentidos não estão somente nas palavras, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos.

Neste sentido, este artigo traz algumas reflexões, sem a intenção de esgotá-las, sobre a representação social dos sujeitos jovens da EJA nas escolas públicas inseridas no entorno da 13ª CRE de Alagoas, bem como, identidade desses educandos da EJA das escolas e a representação social desses sujeitos no espaço escola. Nessa discussão tomamos como foco dois pontos essenciais: **I – A identidade dos sujeitos da EJA das escolas da 13ª Cre do Estado de Alagoas; II - A Representação social dos educandos da EJA nas escolas públicas da 13ª Coordenadoria Regional de Educação.**

Como fundamentação para este trabalho utilizamos alguns autores: Bakhtin (2006), Freire (2001), Giroux

(1988), MOSOVICI (1978), entre outros.

I – A identidade dos sujeitos da EJA das escolas da 13ª CRE do Estado de Alagoas

Na jurisdição da 13ª CRE são ao todo 14 escolas públicas que ofertam EJA, situando-se, em grande parte, na periferia urbana da cidade de Maceió, essas instituições oferecem Educação Fundamental do 1ª ao 9º ano e ensino médio no horário diurno, no horário noturno ofertam 1º e 2º segmentos da EJA, apenas três possuem 3º segmentos da EJA.

Os Jovens e Adultos que frequentam as turmas da EJA, das escolas públicas da 13ª Coordenadoria Regional de Educação de Alagoas, são pessoas que possuem conhecimentos adquiridos na vida cotidiana, através das experiências com familiares, comunidade, mundo do trabalho, e em saídas e entradas da escola. Podem ser caracterizados de acordo com a visão de Freire (2001), como pessoas que possuem uma leitura de mundo que antecede a leitura da palavra. Entretanto, muitas vezes, as experiências anteriores e os conhecimentos prévios desses alunos são simplesmente apagados ao chegarem à escola.

Nas escolas da 13ª CRE prevalece o gênero masculino, os/as educandos/as são, na grande maioria, vítimas da indiferença, do desemprego e do descaso, socialmente estigmatizados e excluídos, e muitas vezes, vítimas ou envolvidos em casos de violência. Na escola, como nos chama atenção Andrade (2004), de maneira geral são tratados como uma massa de alunos, sem identidade, qualificados sob diferentes nomes: repetentes, evadidos, defasados, relacionados diretamente ao chamado "fracasso escolar".

As turmas da EJA, de maneira geral, são compostas de adolescentes, jovens e adultos desempregados ou trabalhadores em situação informal, idosos aposentados ou jovens e adultos que trabalham como: comerciários, donas de casa, pedreiros e porteiros, ganhando um salário mínimo ou menos.

Grande parte desses educandos já frequentou escolas em horário diurno durante anos, tendo uma história escolar marcada por múltiplas reprovações, o que faz com que cheguem à EJA como alunos marcados pelo fracasso. Por conta da idade avançada, mais de 15 anos, acabam sendo empurrados para a referida modalidade.

As comunidades escolares que compõem as escolas desta coordenadoria constitui-se em grande parte de famílias que vivem próximas às escolas, cuja vida econômica é baixa, e muitas delas vivem abaixo da linha da pobreza.

Para os jovens e adolescentes a necessidade mais urgente em relação à aquisição da leitura é o desejo de elevação da escolaridade para o ingresso no mercado de trabalho. Os jovens da EJA veem na escolarização, através da leitura, a possibilidade de ascensão profissional e pessoal.

Em seus depoimentos os educandos afirmam que o retorno à escola deve-se à imposição do mercado de trabalho e, para outros, há o desejo de adquirir as habilidades básicas de leitura e escrita. Esses sujeitos voltam à escola reconhecendo que o aprendizado alcançado anteriormente, de maneira formal ou informal, não lhes garantiu a independência e a inclusão desejada numa sociedade competitiva e excludente.

II - A Representação social dos educandos jovens da EJA nas escolas públicas da 13ª Coordenadoria Regional de Educação

Neste item de nosso artigo analisaremos algumas falas coletadas em entrevistas aplicadas a professores e coordenadores que atuam na EJA, tomando por base as falas dos atores envolvidos com a EJA tentaremos explicitar de que maneira esses profissionais percebem os sujeitos jovens que frequentam suas aulas.

Ao darmos voz aos professores saberemos como esses profissionais percebem os educandos jovens e de que maneira os recebem na escola. Assim, o discurso proferido pelos professores nos apresenta o julgamento sobre o outro o que nos parece revelador para que possamos interpretar como a EJA é compreendida no espaço escolar.

Dada a posição que essas pessoas ocupam suas falas revelam posicionamentos contraditórios, pelo menos no que diz respeito ao que deixam transparecer de seu inconsciente através da materialidade lingüística. Seus discursos são, portanto, importantes para nos fazer compreender qual a representação social dos jovens EJA nas escolas da 13ª CRE. Os referidos depoimentos foram coletados em momentos visitas realizadas nas escolas que ofertam EJA, nesta coordenadoria.

A representação social, para Moscovici (1978), é um grupo de conhecimentos originados na vida cotidiana, ou seja a partir do senso comum, tendo por objetivo, comunicar, estabelecer relações entre grupos sociais, atribuindo sentido ao comportamento, dessa maneira, podemos afirmar que as representações sociais nos reportam a uma forma de pensamento social, sendo entendida, portanto, como uma maneira de interpretar nossa realidade cotidiana. A representação conduz-nos a repensar, a (re)experimentar, a refazer, refletindo, assim, sobre as ideologias, as opiniões, as idéias.

O enfoque no discurso dá-se por entendermos que o sujeito, não apenas cria seu discurso, ao contrário ele é condicionado por ele. Assim, aquilo que falamos é afetado pela língua e pela história, pois os sentidos não estão somente nas palavras, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos, (ORLANDI, 2001).

De acordo com a perspectiva adotada nesse estudo essa análise representará um passo fundamental para contextualizar o discurso desvelando a realidade desses sujeitos. Como nos afirma Orlandi(2001, p30):

Os dizeres não são, como dizemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Deste modo, as margem do dizer, do texto, também fazem parte dele.

Baseados nesses argumentos, tentaremos interpretar toda ideologia que está por trás desses discursos, para tanto avaliando não só o dito, mas acima de tudo, o não dito, ou seja, os implícitos dessas seqüências discursivas, assim, ao elaborarmos a entrevista formulamos perguntas que induzissem respostas neste sentido, algumas perguntas foram: a) **quanto tempo trabalhavam na EJA, b) como era o comportamento dos educandos jovens da EJA.**

As falas foram coletadas em forma de transcrição, não utilizamos o gravador por acreditarmos que os sujeitos/entrevistados poderiam não se sentir à vontade. Neste trabalho traremos um recorte das falas que mais nos chamaram atenção. Não revelaremos nomes oficiais, apenas iniciais fictícias, idade e sexo para manter o sigilo e não expor os participantes.

As falas aqui utilizadas são as que mais nos revelam o posicionamento social dos participantes, enfatizando suas representações sociais acerca dos jovens estudantes.

Vejamos as falas a seguir:

1. S.M .S – 34 anos – FEM

Muitos deles não querem nada, vem pra escola só pra fazer raiva; aqui tem muito marginais, muitos deles já foram do dia.

1. J. C. L – 42 ANOS – MASC.

Tem muito maloqueiro, gosto de trabalhar com os adultos porque se comportam.

1. C. M. F – 36 anos – FEM

Eu trabalhei a vida toda com a educação regular, agora é que estou na EJA, Tenho muita dificuldade de trabalhar com os alunos da EJA, os jovens são um problema.

1. M.J S. – 48 anos - FEM

As famílias não cuidam não dão exemplo, nem moral nem espiritual,

1. P. C. M

Os jovens são um problema dentro dessa escola.

Iniciando esta análise podemos observar, através das pistas lingüísticas desses enunciados, que há muitos estigmas que acabam por rotular os jovens da EJA, esses rótulos acabam por limitar o desenvolvimento desses alunos, tornando a inserção desses alunos no espaço escolar um processo muito complexo.

Muitas das falas depreciativas, demonstram o distanciamento e menosprezo. Percebe-se uma tentativa de ignorar os sujeitos, demonstrando a falta de envolvimento com a modalidade.

Conseguir dialogar com os jovens tem-se caracterizado como um dos principais desafios no cotidiano da escola EJA. Muitos desses jovens tem histórias de vida marcadas pela negação e pela invisibilidade. Segundo José Machado Pais (1997), no que diz respeito à juventude, de maneira mais específica, a construção social construída é, via de regra, carregada de significados negativos, prevalecendo o rótulo de geradora de problemas, cujos desdobramentos e conseqüências se fazem sentir tanto em seu cotidiano quanto na sua relação com as diversas instituições sociais de que participa, tais como a família, a escola etc.

Entendê-los como jovens pode parecer fácil no discurso, porém o dia-a-dia e uma sala de aula exige que essa compreensão esteja presente na relação pedagógica, nas metodologias adotadas e na resolução de conflitos geracionais.

Observando o discurso proferido: ***Muitos deles não querem nada, vem pra escola só pra fazer raiva; aqui tem muito marginais, muitos deles já foram do dia.*** Podemos afirmar que através dessas palavras fica expresso o desrespeito ou a discriminação em relação aos jovens, as expressões ***não querem nada, marginais,*** demonstra a exclusão a que são submetidas essas pessoas dentro das escolas.

Tomando Ribeiro (2004), como referência, podemos observar que os lugares sociais reservados aos jovens da EJA são sempre os de: marginais, oprimidos, excluídos, empregáveis, miseráveis.

Ainda baseadas nas opiniões coletadas nos parece, predominantemente, que o sucesso ou fracasso do aluno está associado às condições individuais, quando se afirma que: ***não querem nada, vem pra escola só pra fazer raiva.***

Neste discurso da professora a função do indivíduo é elevada em detrimento da ação escolar, conseqüentemente, o não aprendizado do aluno é atribuído a sua irresponsabilidade do mesmo ou a falta de apoio da família. Assim, a escola está desobrigada de sua principal função social que é a elevação dos níveis de formação dos sujeitos.

O que se observa é que esses professores não conseguem dialogar com os jovens da EJA, nesse sentido

Freire (2003) afirma que isso ocorre por que os professores sentem-se superiores e detentores do saber, buscamos as palavras do Autor quando ele afirma:

Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros.[...]Como posso dialogar, se me sinto participante de um "gueto" de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são "essa gente", ou são "nativos inferiores (FREIRE, 2003, p.39).

Realizando a análise dos recortes extraídos das falas, podemos perceber a presença de implícitos que nos revelam que todos os participantes das entrevistas atribuem os problemas vividos pela comunidade escolar, no horário noturno aos alunos "marginais".

Entretanto, esses indivíduos, em momento algum, se dão conta que em seus discursos existe a assimilação da ideologia do discurso da classe dominante, por exemplo, o enunciado: **as famílias não cuidam não dão exemplo, nem moral nem espiritual**, remete-nos aos discursos moralistas tão divulgados nos cultos religiosos e, como todos nós sabemos, nos bairros da periferia de Maceió há várias igrejas evangélicas, e algumas católicas, assim, essas instituições representam um grande poder dentro dessas comunidades pobres, pois a população desesperada acaba indo em busca de esperança nesses locais, lá se incentivam desde a passividade até a segregação das pessoas do bem e das pessoas do mal, do certo e do errado.

Dessa maneira, o preconceito social aflora através da materialidade lingüística de suas falas. Assim, prevalece uma ideologia implícita em tais proposições. Observa-se que este público é desacreditado como capaz de adquirir conhecimento e obter um desenvolvimento pessoal.

Quando os professores afirmam que **Tem muito maloqueiro** na EJA, ou ainda que **os jovens são um problema**. eles expõe que para esses educandos resta-lhes a exclusão e o termo marginal como definição, a impossibilidade de uma vida com decência, onde se possa usufruir dos seus direitos mínimos para a sobrevivência como: moradia, saúde, educação, entre outros.

O termo maloqueiro, de modo geral, apresenta-se como representação de discriminação, de desigualdade social sentida e expressa e por muitos professores nas escolas que ofertam EJA. Toda essa hierarquização excludente, reforça a rejeição entre professores e alunos.

Desta forma, ao rotular o educando como **maloqueiro** "leia-se" excluído e marginal, mesmo sem perceber, esses profissionais estão incorporando e reproduzindo o discurso da ideologia dominante. Todo esse processo ideológico não ocorre de forma explícita, ao contrário acontece de forma camuflada penetra no discurso e vai aos poucos sendo disseminado na sociedade sem resistência, quando percebemos já se tornou senso comum. Pois a ideologia é impregnada por idéias e temas que materializam uma visão do mundo através de um conjunto de representações, muitas vezes inconscientes. Essas representações se materializam através da linguagem como instrumento de comunicação. Assim, toda formação ideológica corresponde uma formação discursiva.

Para John Thompson (1998, p.73), o conceito de ideologia, surgido com um sentido negativo, ou pejorativo, como fator enganador, ilusório ou parcial, tem hoje o sentido de "criticismo implícito". Para ele, a ideologia opera através de formas simbólicas que se entrecruzam com relações de poder, servindo para "manter relações de dominação". Assim as imagens obtidas desses jovens são projetadas através das relações de ojeriza e afastamento do professor.

Para rompermos com essa concepção, nós professores necessitamos compreender e ver esses jovens da EJA para além da categoria abstrata de "aluno", percebendo-os como sujeitos históricos que necessitam aprender não só para aceitar tudo passivamente, mas que precisam aprender para "interferir" mudando a sua realidade.

O ideal seria que o educador da modalidade tivesse uma formação que o possibilitasse trabalhar em sala de maneira dialógica, problematizando os conteúdos.

Mas, para que isso ocorra faz-se necessário que estes professores tenham uma formação específica para atuar na EJA. Avaliando esse contexto, afirmamos a urgência em se garantir, tanto nas formações iniciais, como nas formações continuadas para os professores da EJA, no Estado de Alagoas, a presença de fundamentação teórica sobre as especificidades do público da EJA, pautada, sobretudo, na Pedagogia Progressista Libertadora de Freire, para que os professores possam desenvolver nas salas da modalidade um ensino que supere a visão de transferência de conhecimentos,

Há ainda que propor para as escolas que ofertam EJA um projeto de re-elaboração curricular, processo no qual se construa uma nova escola popular que não apenas tolere as diferenças, mas que ela seja a todo tempo questionada, por isso, necessitamos de um currículo elaborado à partir da realidade existente.

Considerações Finais

O objetivo desse trabalho foi compreender qual a concepção que os professores e coordenadores das escolas da 13ª Coordenadoria Regional de Educação tem relação aos jovens educandos da EJA. Para realização de nossa análise tomamos como objeto de estudo as seqüências discursivas proferidas e coletadas através de uma entrevista realizada dentro das escolas que ofertam a EJA na região que compreende a 13ª CRE.

Analisando as falas coletadas constatamos que o tema mais recorrente nesses discursos foi a dificuldade de diálogo entre educandos e educadores, o maior impasse está no trato com os adolescentes.

Através dos discursos dos professores podemos observar que a representação social dos jovens dentro das escolas da EJA está ligada ao preconceito, pois muitos professores reconhecem os alunos jovens como *maloqueiros*, dizem que esses educandos *não querem nada* e que os jovens só vão para a escola para fazer raiva.

Há muitos estigmas e que os professores, na grande maioria, rotulam os sujeitos jovens da EJA, esses rótulos acabam por limitar o desenvolvimento desses alunos, tornando a inserção desses alunos no espaço escolar um processo muito complexo.

As marcas lingüísticas na fala dos profissionais nos mostram que há uma profunda assimilação da ideologia do discurso da classe dominante. As falas depreciativas, demonstram o distanciamento e menosprezo. Percebe-se uma tentativa de ignorar os sujeitos, demonstrando a falta de envolvimento com a modalidade.

Podemos perceber também a presença de implícitos que nos revelam que muitos dos participantes das entrevistas atribuem os problemas vivenciados pela comunidade escolar, no horário noturno aos alunos "marginais". Assim, podemos constatar que este público é desacreditado como capaz de adquirir conhecimento e obter um desenvolvimento pessoal.

Acreditamos que esses educadores só conseguirão superar essa concepção preconceituosa com a intervenção da Secretaria de Educação do Estado de Alagoas, no momento em que elaborar uma proposta de formação continuada sobre a EJA e as especificidades do sujeitos que a frequentam.

Assim, acreditamos que estaremos auxiliando esses professores a perceberem que a ideologia dominante utiliza a linguagem para camuflar a ausência de políticas públicas no Brasil, que causa a desigualdade social, contribuindo para o aumento da violência e dentro da estratégia do capitalismo, para a desmobilização da sociedade e do processo de aculturação.

Finalmente afirmamos que nossos educandos devem ser enxergados como sujeitos históricos que necessitam aprender não só para aceitar tudo passivamente, mas que precisam aprender para “interferir” mudando a sua realidade. Sendo assim, nós que realizamos a educação do país temos a obrigação de conhecer a realidade dos nossos alunos, transformando as atuais escolas em ambiente de reflexão, para podermos romper com esse tipo de visão ingênua que observamos em nossa entrevista.

REFERÊNCIAS

- DARYEL, Juarez. Juventude grupos de estilo e identidade. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. 1999.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido* – 42 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- PAIS, José Machado. Culturas Juvenis. Lisboa: **Imprensa Nacional Casa da Moeda**, 1993.
- MOSCOVICI, Serge. A representação Social da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- _____. Das Representações Coletivas às Representações Sociais: Elementos para uma História. In: JODELET, Denise (org). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro:Vozes, 2001, p. 45-66.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso – princípios e procedimentos*. Campinas. SP: Pontes. 3ª Edição. 2001.
- _____, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, Anped.1997.
- THOMPSON, John. Ideologia e Cultura Moderna social e critica na era dos meios de comunicação de massa. Petropolis:Vozes. 1997.

[i] Mestranda do Curso de Educação Brasileira – CEDU/UFAL. Componente do Grupo de pesquisa GEPE. profclaudia18@hotmail.com.

[ii] Mestre em Educação. Componente dos Grupos de Pesquisas: Multieja e Teorias e Práticas da EJA. Atualmente sou doutoranda do Curso de Educação Brasileira – CEDU/UFAL. vccavalcante1@hotmail.com.

[iii] Mestre em educação. Componente do grupo de pesquisa sobre Estado, Políticas Sociais e Educação Brasileira (GEPE). E-mail: vanialaurentino@hotmail.com

[iv] Mestrado em Educação realizado no CEDU/UFAL, defendido no ano de 2009.

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DOS JOVENS EDUCANDOS DA EJA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE ALAGOAS

Claudia Campos Cavalcante Gomes[i]

Valéria Campos Cavalcante[ii]

Vania Marcia da Silva Laurentino[iii]

RESUMO

O objetivo central desta pesquisa converteu-se em analisar qual a representação social dos jovens que frequentam as turmas da EJA das escolas públicas de Alagoas. Tomaremos como objeto de estudo as seqüências discursivas proferidas e coletadas através de depoimentos de professores que atuam na EJA. Os referidos depoimentos foram coletados como parte de uma pesquisa do Mestrado em Educação na CEDU/UFAL[iv]. Optamos por analisar as falas por acreditarmos que o discurso é o lugar privilegiado em que se pode observar a relação entre língua e ideologia. Através dos discursos dos professores podemos observar que a representação social dos jovens dentro das escolas da EJA está ligada ao preconceito. Muitos professores estigmatizam os sujeitos jovens da EJA, dificultando assim o diálogo.

Palavras-chave: EJA, Jovens, Representação Social

RESUMEN

El objetivo de esta investigación fue analizar que la representación social de los jóvenes que asisten a las clases de EJA Escuelas Públicas de Alagoas. Vamos a tomar como objeto de estudio las secuencias discursivas dadas y recogida a través de los testimonios de los docentes que trabajan en la educación de adultos. Estos testimonios fueron recogidos como parte de un Máster de Investigación en Educación en CEDU / UFAL. Hemos elegido para analizar las líneas, ya que creemos que el discurso es el lugar privilegiado en el que se puede observar la relación entre el lenguaje y la ideología. A través de los discursos de los docentes puede observar que la representación social de los jóvenes en las escuelas de EJA está ligada a los prejuicios. Muchos profesores estigmatizan sujetos jóvenes EJA, lo que dificulta el diálogo.

Palabras clave: educación de adultos, jóvenes, Representación Social

Introdução

Iniciamos esse texto ressaltando a relevância que a escola pública exerce na trajetória de vida dos/as jovens e adultos pobres de Alagoas, assim, percebe-se que a escola pública neste início de século XXI, apresenta-se como uma das principais instituições sociais agenciadora de formação intelectual que os jovens e adultos pobres têm acesso, principalmente aqueles que não estão inseridos em projetos culturais e ONGs, dentre outros.

Apesar de tamanha relevância para a formação dos educandos, percebe-se que as instituições escolares em Alagoas, não estão refletindo à respeito da identidade dos educandos que frequentam a EJA, sobretudo dos jovens que frequentam as turmas da modalidade, assim, não se analisa no espaço escolar as condições de acesso aos bens culturais desses sujeitos excluídos, da mesma maneira, não se discute como esse processo de exclusão se enraizou no Estado e quais são as alternativas para reverter ou ao menos minimizar esse quadro.

Compreendemos que a conceituar juventude não é uma tarefa simples, já que o termo jovem carrega uma

enorme heterogeneidade, diante das definições sobre os jovens que se apresentam no imaginário social, selecionamos as concepções que mais influenciaram e que estão de certa maneira armazenadas na cultura escolar, no decorrer de séculos no Brasil. A primeira delas é a que considera o jovem como um ser em processo de transitoriedade, entendendo a juventude como um sentido de negatividade, ou seja o jovem percebido como aquele que 'ainda não se encontrou', conforme, nos aponta Dayrell (p.02, 1999):

Em nome do "vir a ser" do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, bem como as questões existenciais que eles expõem, bem mais amplas do que apenas o futuro.

Uma outra imagem muito presente na escola é a visão de juventude padronizada com maneiras de ser e agir idênticas sem identidades próprias, sendo assim, concebe-se o jovem como um consumidor alienado de músicas, lazer, moda e tendências em geral. Esta visão de juventude nega as questões culturais específicas dos indivíduos, considerando, portanto o jovem construído socialmente pela mídia, sobretudo a televisiva que dissemina a visão de jovem como aquele que está em tempo de "desfrutar" de lazer, prazer e liberdades sexuais, a juventude então como momento possível para a expressão de 'comportamentos exóticos'.

Há ainda uma outra visão de jovem, com base essencialmente na psicologia que desenha a juventude como momento de incertezas e crise existencial, permeada por conflitos de auto-estima e personalidade.

Ao analisarmos essas concepções, tentamos nos aproximar de Peralva (1997), quando ela afirma que a juventude é, acima de tudo uma construção social e um tipo de representação. Pode-se considerar neste contexto um paradigma universal dado pelo comportamento do indivíduo numa determinada faixa etária, mas não se pode desconsiderar sua cultura, seu desenvolvimento físico e mudanças psicológicas que esse indivíduo enfrenta.

Neste sentido, nos deparamos no cotidiano das escolas com uma série de imagens à respeito da juventude que interferem na forma de compreender esses jovens, no entanto, é possível perceber, que na grande maioria das escolas que ofertam a EJA em Alagoas, a inexistência de uma sensibilidade por parte do corpo docente em conceber os processos de escolarização refletida não apenas para os adultos, mas reconhecendo os jovens que lá estão. Nestas instituições, como não se reflete sobre a identidade do jovem, acaba-se desprezando a realidade dos indivíduos, o que dificulta a compreensão dos jovens na sua totalidade.

Estando estas questões postas no cenário da EJA, no Estado de Alagoas, a pretensão deste trabalho consiste em compreender de que maneira os educandos jovens da EJA são percebidos dentro do espaço escolar, ou seja, qual a representação social desses sujeitos nas escolas públicas de Alagoas.

O conceito de representação social designa uma forma específica de conhecimento, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados. Mais amplamente, designa uma forma de pensamento social. Uma definição resume suas principais características que é dada por Moscovici:

Uma representação fala tanto quanto mostra, comunica tanto quanto exprime. No final das contas, ela produz e determina os comportamentos, pois define simultaneamente a natureza dos estímulos que nos cercam e nos provocam, e o significado das respostas a dar-lhes. Em poucas palavras, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos (MOSCOVICI, 1978,p. 26).

Como podemos observar o autor explicita a representação social como conhecimento prático, por isso

baseado no senso comum. Assim, opiniões, imagens, atitudes passam a ser compreendidas como veículos de representações que direcionam comportamentos e identificam sujeitos nos grupos sociais.

Escolhemos o chão da escola pública por que acreditamos que é no cotidiano das práticas de EJA que a diversidade cultural, étnica, racial e de gênero se expressam. Considerando esse contexto nos implica uma questão em particular: por que permanece entre alguns profissionais determinados discursos e representações preconceituosas sobre os jovens da EJA no ambiente escolar .

Tomaremos como objeto de estudo as seqüências discursivas proferidas e coletadas através de depoimentos de professores e coordenadores que atuam na EJA. Os referidos depoimentos foram coletados como parte de uma pesquisa do Mestrado em Educação na CEDU/UFAL .

Optamos por analisar as falas por acreditarmos que o discurso é o lugar privilegiado em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos. Nesta perspectiva entende-se que o sujeito, não apenas cria seu discurso, sendo também condicionado por ele. Assim, aquilo que falamos é afetado pela língua e pela história, pois os sentidos não estão somente nas palavras, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos.

Neste sentido, este artigo traz algumas reflexões, sem a intenção de esgotá-las, sobre a representação social dos sujeitos jovens da EJA nas escolas públicas inseridas no entorno da 13ª CRE de Alagoas, bem como, identidade desses educandos da EJA das escolas e a representação social desses sujeitos no espaço escola. Nessa discussão tomamos como foco dois pontos essenciais: **I – A identidade dos sujeitos da EJA das escolas da 13ª Cre do Estado de Alagoas; II - A Representação social dos educandos da EJA nas escolas públicas da 13ª Coordenadoria Regional de Educação.**

Como fundamentação para este trabalho utilizamos alguns autores: Bakhtin (2006), Freire (2001), Giroux (1988), MOSOVICI (1978), entre outros.

I – A identidade dos sujeitos da EJA das escolas da 13ª CRE do Estado de Alagoas

Na jurisdição da 13ª CRE são ao todo 14 escolas públicas que ofertam EJA, situando-se, em grande parte, na periferia urbana da cidade de Maceió, essas instituições oferecem Educação Fundamental do 1º ao 9º ano e ensino médio no horário diurno, no horário noturno ofertam 1º e 2º segmentos da EJA, apenas três possuem 3º segmentos da EJA.

Os Jovens e Adultos que frequentam as turmas da EJA, das escolas públicas da 13ª Coordenadoria Regional de Educação de Alagoas, são pessoas que possuem conhecimentos adquiridos na vida cotidiana, através das experiências com familiares, comunidade, mundo do trabalho, e em saídas e entradas da escola. Podem ser caracterizados de acordo com a visão de Freire (2001), como pessoas que possuem uma leitura de mundo que antecede a leitura da palavra. Entretanto, muitas vezes, as experiências anteriores e os conhecimentos prévios desses alunos são simplesmente apagados ao chegarem à escola.

Nas escolas da 13ª CRE prevalece o gênero masculino, os/as educandos/as são, na grande maioria, vítimas da indiferença, do desemprego e do descaso, socialmente estigmatizados e excluídos, e muitas vezes, vítimas ou envolvidos em casos de violência. Na escola, como nos chama atenção Andrade (2004), de maneira geral são tratados como uma massa de alunos, sem identidade, qualificados sob diferentes nomes: repetentes, evadidos, defasados, relacionados diretamente ao chamado "fracasso escolar".

As turmas da EJA, de maneira geral, são compostas de adolescentes, jovens e adultos desempregados ou trabalhadores em situação informal, idosos aposentados ou jovens e adultos que trabalham como:

comerciários, donas de casa, pedreiros e porteiros, ganhando um salário mínimo ou menos.

Grande parte desses educandos já frequentou escolas em horário diurno durante anos, tendo uma história escolar marcada por múltiplas reprovações, o que faz com que cheguem à EJA como alunos marcados pelo fracasso. Por conta da idade avançada, mais de 15 anos, acabam sendo empurrados para a referida modalidade.

As comunidades escolares que compõem as escolas desta coordenadoria constitui-se em grande parte de famílias que vivem próximas às escolas, cuja vida econômica é baixa, e muitas delas vivem abaixo da linha da pobreza.

Para os jovens e adolescentes a necessidade mais urgente em relação à aquisição da leitura é o desejo da elevação da escolaridade para o ingresso no mercado de trabalho. Os jovens da EJA veem na escolarização, através da leitura, a possibilidade de ascensão profissional e pessoal.

Em seus depoimentos os educandos afirmam que o retorno à escola deve-se à imposição do mercado de trabalho e, para outros, há o desejo de adquirir as habilidades básicas de leitura e escrita. Esses sujeitos voltam à escola reconhecendo que o aprendizado alcançado anteriormente, de maneira formal ou informal, não lhes garantiu a independência e a inclusão desejada numa sociedade competitiva e excludente.

II - A Representação social dos educandos jovens da EJA nas escolas públicas da 13ª Coordenadoria Regional de Educação

Neste item de nosso artigo analisaremos algumas falas coletadas em entrevistas aplicadas a professores e coordenadores que atuam na EJA, tomando por base as falas dos atores envolvidos com a EJA tentaremos explicitar de que maneira esses profissionais percebem os sujeitos jovens que frequentam suas aulas.

Ao darmos voz aos professores saberemos como esses profissionais percebem os educandos jovens e de que maneira os recebem na escola. Assim, o discurso proferido pelos professores nos apresenta o julgamento sobre o outro o que nos parece revelador para que possamos interpretar como a EJA é compreendida no espaço escolar.

Dada a posição que essas pessoas ocupam suas falas revelam posicionamentos contraditórios, pelo menos no que diz respeito ao que deixam transparecer de seu inconsciente através da materialidade lingüística. Seus discursos são, portanto, importantes para nos fazer compreender qual a representação social dos jovens EJA nas escolas da 13ª CRE. Os referidos depoimentos foram coletados em momentos visitas realizadas nas escolas que ofertam EJA, nesta coordenadoria.

A representação social, para Moscovici (1978), é um grupo de conhecimentos originados na vida cotidiana, ou seja a partir do senso comum, tendo por objetivo, comunicar, estabelecer relações entre grupos sociais, atribuindo sentido ao comportamento, dessa maneira, podemos afirmar que as representações sociais nos reportam a uma forma de pensamento social, sendo entendida, portanto, como uma maneira de interpretar nossa realidade cotidiana. A representação conduz-nos a repensar, a (re)experimentar, a refazer, refletindo, assim, sobre as ideologias, as opiniões, as idéias.

O enfoque no discurso dá-se por entendermos que o sujeito, não apenas cria seu discurso, ao contrário ele é condicionado por ele. Assim, aquilo que falamos é afetado pela língua e pela história, pois os sentidos não estão somente nas palavras, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos, (ORLANDI, 2001).

De acordo com a perspectiva adotada nesse estudo essa análise representará um passo fundamental para contextualizar o discurso desvelando a realidade desses sujeitos. Como nos afirma Orlandi(2001, p30):

Os dizeres não são, como dizemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Deste modo, as margem do dizer, do texto, também fazem parte dele.

Baseados nesses argumentos, tentaremos interpretar toda ideologia que está por trás desses discursos, para tanto avaliando não só o dito, mas acima de tudo, o não dito, ou seja, os implícitos dessas seqüências discursivas, assim, ao elaborarmos a entrevista formulamos perguntas que induzissem respostas neste sentido, algumas perguntas foram: a) **quanto tempo trabalhavam na EJA, b) como era o comportamento dos educandos jovens da EJA.**

As falas foram coletadas em forma de transcrição, não utilizamos o gravador por acreditarmos que os sujeitos/entrevistados poderiam não se sentir à vontade. Neste trabalho traremos um recorte das falas que mais nos chamaram atenção. Não revelaremos nomes oficiais, apenas iniciais fictícias, idade e sexo para manter o sigilo e não expor os participantes.

As falas aqui utilizadas são as que mais nos revelam o posicionamento social dos participantes, enfatizando suas representações sociais acerca dos jovens estudantes.

Vejam as falas a seguir:

1. *S.M .S – 34 anos – FEM*

Muitos deles não querem nada, vem pra escola só pra fazer raiva; aqui tem muito marginais, muitos deles já foram do dia.

1. *J. C. L – 42 ANOS – MASC.*

Tem muito maloqueiro, gosto de trabalhar com os adultos porque se comportam.

1. *C. M. F – 36 anos – FEM*

Eu trabalhei a vida toda com a educação regular, agora é que estou na EJA, Tenho muita dificuldade de trabalhar com os alunos da EJA, os jovens são um problema.

1. *M.J S. – 48 anos - FEM*

As famílias não cuidam não dão exemplo, nem moral nem espiritual,

1. *P. C. M*

Os jovens são um problema dentro dessa escola.

Iniciando esta análise podemos observar, através das pistas lingüísticas desses enunciados, que há muitos estigmas que acabam por rotular os jovens da EJA, esses rótulos acabam por limitar o desenvolvimento desses alunos, tornando a inserção desses alunos no espaço escolar um processo muito complexo.

Muitas das falas depreciativas, demonstram o distanciamento e menosprezo. Percebe-se uma tentativa de ignorar os sujeitos, demonstrando a falta de envolvimento com a modalidade.

Conseguir dialogar com os jovens tem-se caracterizado como um dos principais desafios no cotidiano da escola EJA. Muitos desses jovens tem histórias de vida marcadas pela negação e pela invisibilidade. Segundo José Machado Pais (1997), no que diz respeito à juventude, de maneira mais específica, a

construção social construída é, via de regra, carregada de significados negativos, prevalecendo o rótulo de geradora de problemas, cujos desdobramentos e conseqüências se fazem sentir tanto em seu cotidiano quanto na sua relação com as diversas instituições sociais de que participa, tais como a família, a escola etc.

Entendê-los como jovens pode parecer fácil no discurso, porém o dia-a-dia e uma sala de aula exige que essa compreensão esteja presente na relação pedagógica, nas metodologias adotadas e na resolução de conflitos geracionais.

Observando o discurso proferido: **Muitos deles não querem nada, vem pra escola só pra fazer raiva; aqui tem muito marginais, muitos deles já foram do dia.** Podemos afirmar que através dessas palavras fica expresso o desrespeito ou a discriminação em relação aos jovens, as expressões **não querem nada, marginais,** demonstra a exclusão a que são submetidas essas pessoas dentro das escolas.

Tomando Ribeiro (2004), como referência, podemos observar que os lugares sociais reservados aos jovens da EJA são sempre os de: marginais, oprimidos, excluídos, empregáveis, miseráveis.

Ainda baseadas nas opiniões coletadas nos parece, predominantemente, que o sucesso ou fracasso do aluno está associado às condições individuais, quando se afirma que: **não querem nada, vem pra escola só pra fazer raiva.**

Neste discurso da professora a função do indivíduo é elevada em detrimento da ação escolar, conseqüentemente, o não aprendizado do aluno é atribuído a sua irresponsabilidade do mesmo ou a falta de apoio da família. Assim, a escola está desobrigada de sua principal função social que é a elevação dos níveis de formação dos sujeitos.

O que se observa é que esses professores não conseguem dialogar com os jovens da EJA, nesse sentido Freire (2003) afirma que isso ocorre por que os professores sentem-se superiores e detentores do saber, buscamos as palavras do Autor quando ele afirma:

Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros.[...]Como posso dialogar, se me sinto participante de um "gueto" de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são "essa gente", ou são "nativos inferiores (FREIRE, 2003, p.39).

Realizando a análise dos recortes extraídos das falas, podemos perceber a presença de implícitos que nos revelam que todos os participantes das entrevistas atribuem os problemas vividos pela comunidade escolar, no horário noturno aos alunos "marginais".

Entretanto, esses indivíduos, em momento algum, se dão conta que em seus discursos existe a assimilação da ideologia do discurso da classe dominante, por exemplo, o enunciado: **as famílias não cuidam não dão exemplo, nem moral nem espiritual,** remete-nos aos discursos moralistas tão divulgados nos cultos religiosos e, como todos nós sabemos, nos bairros da periferia de Maceió há várias igrejas evangélicas, e algumas católicas, assim, essas instituições representam um grande poder dentro dessas comunidades pobres, pois a população desesperada acaba indo em busca de esperança nesses locais, lá se incentivam desde a passividade até a segregação das pessoas do bem e das pessoas do mal, do certo e do errado.

Dessa maneira, o preconceito social aflora através da materialidade lingüística de suas falas. Assim, prevalece uma ideologia implícita em tais proposições. Observa-se que este público é desacreditado como capaz de adquirir conhecimento e obter um desenvolvimento pessoal.

Quando os professores afirmam que **Tem muito maloqueiro** na EJA, ou ainda que **os jovens são um**

problema. eles expõe que para esses educandos resta-lhes a exclusão e o termo marginal como definição, a impossibilidade de uma vida com decência, onde se possa usufruir dos seus direitos mínimos para a sobrevivência como: moradia, saúde, educação, entre outros.

O termo *maloqueiro*, de modo geral, apresenta-se como representação de discriminação, de desigualdade social sentida e expressa e por muitos professores nas escolas que ofertam EJA. Toda essa hierarquização excludente, reforça a rejeição entre professores e alunos.

Desta forma, ao rotular o educando como **maloqueiro** "leia-se" excluído e marginal, mesmo sem perceber, esses profissionais estão incorporando e reproduzindo o discurso da ideologia dominante. Todo esse processo ideológico não ocorre de forma explícita, ao contrário acontece de forma camuflada penetra no discurso e vai aos poucos sendo disseminado na sociedade sem resistência, quando percebemos já se tornou senso comum. Pois a ideologia é impregnada por idéias e temas que materializam uma visão do mundo através de um conjunto de representações, muitas vezes inconscientes. Essas representações se materializam através da linguagem como instrumento de comunicação. Assim, toda formação ideológica corresponde uma formação discursiva.

Para John Thompson (1998, p.73), o conceito de ideologia, surgido com um sentido negativo, ou pejorativo, como fator enganador, ilusório ou parcial, tem hoje o sentido de "criticismo implícito". Para ele, a ideologia opera através de formas simbólicas que se entrecruzam com relações de poder, servindo para "manter relações de dominação". Assim as imagens obtidas desses jovens são projetadas através das relações de ojeriza e afastamento do professor.

Para rompermos com essa concepção, nós professores necessitamos compreender e ver esses jovens da EJA para além da categoria abstrata de "aluno", percebendo-os como sujeitos históricos que necessitam aprender não só para aceitar tudo passivamente, mas que precisam aprender para "interferir" mudando a sua realidade.

O ideal seria que o educador da modalidade tivesse uma formação que o possibilitasse trabalhar em sala de maneira dialógica, problematizando os conteúdos.

Mas, para que isso ocorra faz-se necessário que estes professores tenham uma formação específica para atuar na EJA. Avaliando esse contexto, afirmamos a urgência em se garantir, tanto nas formações iniciais, como nas formações continuadas para os professores da EJA, no Estado de Alagoas, a presença de fundamentação teórica sobre as especificidades do público da EJA, pautada, sobretudo, na Pedagogia Progressista Libertadora de Freire, para que os professores possam desenvolver nas salas da modalidade um ensino que supere a visão de transferência de conhecimentos,

Há ainda que propor para as escolas que ofertam EJA um projeto de re-elaboração curricular, processo no qual se construa uma nova escola popular que não apenas tolere as diferenças, mas que ela seja a todo tempo questionada, por isso, necessitamos de um currículo elaborado à partir da realidade existente.

Considerações Finais

O objetivo desse trabalho foi compreender qual a concepção que os professores e coordenadores das escolas da 13ª Coordenadoria Regional de Educação tem relação aos jovens educandos da EJA. Para realização de nossa análise tomamos como objeto de estudo as seqüências discursivas proferidas e coletadas através de uma entrevista realizada dentro das escolas que ofertam a EJA na região que compreende a 13ª CRE.

Analisando as falas coletadas constatamos que o tema mais recorrente nesses discursos foi a dificuldade de diálogo entre educandos e educadores, o maior impasse está no trato com os adolescentes.

Através dos discursos dos professores podemos observar que a representação social dos jovens dentro das escolas da EJA está ligada ao preconceito, pois muitos professores reconhecem os alunos jovens como *maloqueiros*, dizem que esses educandos *não querem nada* e que os jovens só vão para a escola para fazer raiva.

Há muitos estigmas e que os professores, na grande maioria, rotulam os sujeitos jovens da EJA, esses rótulos acabam por limitar o desenvolvimento desses alunos, tornando a inserção desses alunos no espaço escolar um processo muito complexo.

As marcas lingüísticas na fala dos profissionais nos mostram que há uma profunda assimilação da ideologia do discurso da classe dominante. As falas depreciativas, demonstram o distanciamento e menosprezo. Percebe-se uma tentativa de ignorar os sujeitos, demonstrando a falta de envolvimento com a modalidade.

Podemos perceber também a presença de implícitos que nos revelam que muitos dos participantes das entrevistas atribuem os problemas vivenciados pela comunidade escolar, no horário noturno aos alunos "marginais". Assim, podemos constatar que este público é desacreditado como capaz de adquirir conhecimento e obter um desenvolvimento pessoal.

Acreditamos que esses educadores só conseguirão superar essa concepção preconceituosa com a intervenção da Secretaria de Educação do Estado de Alagoas, no momento em que elaborar uma proposta de formação continuada sobre a EJA e as especificidades do sujeitos que a frequentam.

Assim, acreditamos que estaremos auxiliando esses professores a perceberem que a ideologia dominante utiliza a linguagem para camuflar a ausência de políticas públicas no Brasil, que causa a desigualdade social, contribuindo para o aumento da violência e dentro da estratégia do capitalismo, para a desmobilização da sociedade e do processo de aculturação.

Finalmente afirmamos que nossos educandos devem ser enxergados como sujeitos históricos que necessitam aprender não só para aceitar tudo passivamente, mas que precisam aprender para "interferir" mudando a sua realidade. Sendo assim, nós que realizamos a educação do país temos a obrigação de conhecer a realidade dos nossos alunos, transformando as atuais escolas em ambiente de reflexão, para podermos romper com esse tipo de visão ingênua que observamos em nossa entrevista.

REFERÊNCIAS

DARYEL, Juarez. Juventude grupos de estilo e identidade. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido* – 42 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

PAIS, José Machado. Culturas Juvenis. Lisboa: **Imprensa Nacional Casa da Moeda**, 1993.

MOSCOVICI, Serge. A representação Social da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. Das Representações Coletivas às Representações Sociais: Elementos para uma História. In: JODELET, Denise (org). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001, p. 45-66.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso – princípios e procedimentos*. Campinas. SP: Pontes. 3ª Edição. 2001.

_____, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, Anped. 1997.

THOMPSON, John. Ideologia e Cultura Moderna social e crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes. 1997.

[i] Mestranda do Curso de Educação Brasileira – CEDU/UFAL. Componente do Grupo de pesquisa GEPE. profclaudia18@hotmail.com.

[ii] Mestre em Educação. Componente dos Grupos de Pesquisas: Multieja e Teorias e Práticas da EJA. Atualmente sou doutoranda do Curso de Educação Brasileira – CEDU/UFAL. vccavalcante1@hotmail.com.

[iii] Mestre em educação. Componente do grupo de pesquisa sobre Estado, Políticas Sociais e Educação Brasileira (GEPE). E-mail: vanialaurentino@hotmail.com

[iv] Mestrado em Educação realizado no CEDU/UFAL, defendido no ano de 2009.